

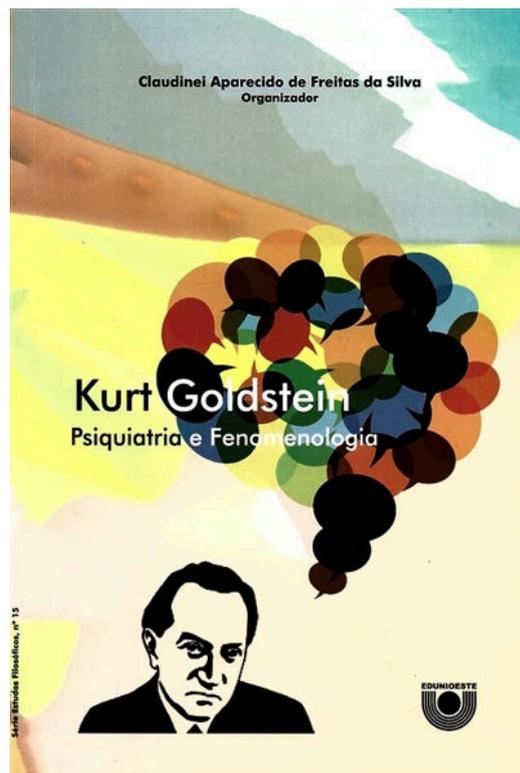
SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da (Org.).
Kurt Goldstein: Psiquiatria e Fenomenologia.
 Cascavel, PR: EdUNIOESTE, 2015, 165p.

Uma interface das ciências *Psi* com a fenomenologia e um resgate

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

Quanto vale a retomada de um legado de pensamento? Qual a estima que se reserva à retirada de uma obra de inteligência do limbo acarretado por desatenção e falta de memória? Ora, qualquer resposta a estas perguntas estaria condicionada à indicação de sobre quem falamos e que obra estaria em questão. Apenas depois de precisar isso poderíamos sopesar quanto valeria tal esforço, se o este seria merecido e, mesmo, se tal esquecimento seria injustificado ou se resulta de um processo natural decorrente da irrelevância ou da falta de brios daquilo que aqui chamamos de “obra”.

O resgate aqui é o do trabalho de Kurt Goldstein (1878-1965). Este foi um psiquiatra alemão que, radicado nos Estados Unidos, lecionou em Harvard e realizou significativas investigações clínicas cuja tônica fenomenológica deu novos rumos à pesquisa neurocientífica atual. Muito dos saldos dessas pesquisas subsidiou, por exemplo, as investigações de Maurice Merleau-Ponty sobre a estrutura do comportamento humano e o modo de ser da percepção. Do mesmo modo, viva foi sua influência sobre Aron Gurwitsch, filósofo lituano que tentou aproximar a fenomenologia husserliana da psicologia da *Gestalt* e que se



apropriou de saldos das investigações de Goldstein para seus próprios propósitos filosóficos. Também o médico e filósofo francês Georges Canguilhem declarou a influência goldsteiniana em sua tese de doutoramento: *O normal e o patológico* (1943). Ao fim, acrescentemos que até Jean Piaget guardou atenção para a obra de Goldstein, dedicando a ela comentários que agregam à sua fortuna crítica.

Goldstein, de fato, foi inspirador de certa geração de pensadores franceses, pela clareza que possuía acerca da situação de crise nas ciências de sua época; por nutrir afinidade com o que havia de mais expoente na filosofia daquele período e por desenvolver um pensamento repleto de intuições originais e investidas audaciosas para pensar o fenômeno humano e suas interfaces com as ciências biomédicas.

No Brasil, ainda são tímidos (para não dizer insipientes) os estudos sobre essa matéria, e foi a evidência disso que

motivou um dos raros pesquisadores brasileiros interessados na obra desse neuropsiquiatra a organizar uma edição que vem honrar a memória de Goldstein em seu quinquagésimo ano de morte. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva¹, coordenou *Kurt Goldstein: Psiquiatria e Fenomenologia*, coletânea de ensaios dedicada às contribuições desse pensador à contemporaneidade.

O papel mais primordial da referida compilação é destacar Goldstein como um pesquisador que revê o estatuto tradicional das ciências biológicas, este ligado a uma compreensão matizada pela lógica de causa-efeito. Opondo-se a esse modelo abstrativo ainda em vigor na psicologia empírica de sua época, Goldstein reconfigura a natureza dos estudos clínicos à luz da patologia humana elaborando uma nova noção de organismo mediante uma dialética com seu mundo. O sentido dessas afirmações e o programa filosófico goldsteiniano conta certamente com mais clareza a partir da apreciação dos capítulos da louvável iniciativa que o livro em pauta em nossa recensão constitui.

Kurt Goldstein: Psiquiatria e Fenomenologia inicia com o prefácio do professor norte americano Duane H. Davis. Neste texto, intitulado “Kurt Goldstein – A Psicologia como Ciência da Atitude” (p. 27-42), o professor da Universidade da Carolina do Norte (Asheville) nos oferece um painel geral do pensamento de Goldstein ao considerar: a relação entre atitudes concretas e abstratas no interior dessa grande síntese; as supostas relações que o pensador teria com a fenomenologia; a ligação entre o comportamento concreto e a psicopatologia, e a presença das ideias de “latência” e “mistério da existência humana” nessa obra.

Partindo da saudável provocação de que Kurt Goldstein teria sido um “subversivo” para as ciências de sua época (por ter incorporado em sua síntese científica uma teoria existencial), nosso prefaciador pondera que esse teria sido um dos maiores méritos de nosso cientista, já que ele compreendera “a verdade complementar de que viver em um mistério perpétuo seria, definitivamente, viver sem um mundo”. (p. 41). Tal prefácio, por sua extensão, estrutura e qualidades conteudísticas, bem poderia ser considerado como também um capítulo.²

Uma “Apresentação” (p. 43-49), assinada pelo organizador do volume, é o que temos em seguida. Nela, são indicadas as motivações de se publicar um livro sobre aquele cientista. A saber: “[...] reavivar a memória de Goldstein em nossa cultura acadêmica”. (p. 43). Ressalta-se também nessa parte a importância de tratar da herança ainda inexplorada desse pensador. Na avaliação de Claudinei A. F. da Silva: “Esse fator impacta, sobretudo, em virtude da inexistência, em língua portuguesa, seja de trabalhos diretamente dirigidos de pesquisa, seja da tradução das obras do cientista alemão. É parte dessa lacuna que, num primeiro momento, tal publicação objetiva preencher”. (p. 44). Ao abordar, com vistas à obra Goldsteiniana, temas e problemas da biologia, da psicopatologia, da psiquiatria, da psicologia, da antropologia e, especialmente da filosofia, o organizador ressalta a abrangência interdisciplinar de seu empreendimento e reconhece a incomparável atualidade da obra daquele autor.

Amostras da abordagem plural do livro em apreço podem ser identificadas

desde o seu primeiro capítulo: “Goldstein e as (Des)Ordens do Patológico: A Experiência da Angústia” (p. 49-66), de Rodrigo Vieira Marques. Neste tópico, o Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de São Carlos – UFSCar intenta pensar o sentido da noção de patologia, tal como concebida por Goldstein. Por meio da noção de “patológico”, o autor estabelece a ligação com o conceito de angústia. Chega-se assim ao núcleo das discussões sobre o comportamento desordenado ou catastrófico, situação que o cientista não apenas aponta como oposta à situação de saúde e normalidade, mas que entende ser recurso para conhecer esta segunda.

Em “Uma Euforia Sem Rigor? O Que Seria uma Patologia para Goldstein?” (p. 67-88), o Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo – USP, Ronaldo Manzi Filho, se empenha por compreender os ganhos que a teoria goldsteiniana do organismo nos oferece. Lança-se também no exercício de indicar como a referida teria sido incorporada àquela tradição francesa sobre a qual Goldstein exerceria seus influxos. Após isso, mostra como a unidade entre a doença orgânica e a doença mental pode ainda ser objeto de contestação.

O terceiro capítulo de nossa coletânea se chama: “Percepção e comportamento em Kurt Goldstein: Contrapontos em Relação à Psicologia da Forma” (p. 89-108), Danilo Saretta Verissimo (Doutor em Psicologia pela USP) examina a compreensão da teoria goldsteiniana que propõe uma versão estrutural da atividade orgânica oposta aos engenhos científicos que isolam segmentos anatómicos, funcionais e comportamentais na análise dos fenômenos vitais. Essa discussão recebe subsídios das interpretações

qualificadas de Merleau-Ponty sobre a contraposição estabelecida por Goldstein entre o seu estruturalismo organicista e os preceitos da psicologia da *Gestalt*. Como se pode depreender desse capítulo, uma crítica às posições fisicalistas, como a possibilitada por Goldstein, seria capaz de reorganizar os postulados sobre esta estrutura, além de redirecionar as questões acerca do sujeito da percepção.

Outros capítulos se ocupam da crítica que Goldstein faz à *Gestalt* e de como este pensador, partindo da compreensão de organismo patológico (= anormal), chegaria a uma concepção de homem coerente à sua obra. No entanto, para o momento, mais urgente é chamar atenção para o capítulo quinto, intitulado: “O Primeiro Sorriso da Criança e Outrem: Prismas Goldsteinianos” (p. 143-162). Neste, Claudinei A. F. da Silva se concentra na investigação goldsteiniana acerca do fenômeno do primeiro sorriso da criança como o que desperta o interesse das ciências psicológicas no início do século XX. No capítulo, seu autor faz questão de grifar que o interesse de Goldstein no tema não se restringe ao plano de uma mera veleidade psicológica, mas se promove por uma especulação filosófica. Deste modo:

O sorriso revela, então, uma estrutura (*Gestalt*) fundamental [...]. Há, portanto, uma linguagem diferencial que se enuncia nesse desvelamento, de modo que o contato inicial da criança com o outro ser humano parece ter aberto, à luz de tais estudos, novas perspectivas acerca da compreensão intersubjetiva. (p. 143).

Essa citação insinua o quanto o sorriso infantil se torna, na pauta de Goldstein, tema provocador a uma fenomenologia da percepção e da alteridade.

O apanhado geral da presente resenha informativa da edição nos permite apreciar um resgate de contextos goldsteinianos oferecendo ao leitor de língua portuguesa reflexões sobre este legado de pensamento na data que nos separa em meio século da morte daquele neurocientista filosofante.

Volume n.º 15 da *Série Estudos Filosóficos*, editada pela

EdUNIOESTE, *Kurt Goldstein: Psiquiatria e fenomenologia* é título que vem em apresentação elegante e cuidadosa revisão, padrão de qualidade do citado selo editorial.

Recebido em 2016-05-27

Publicado em 2016-10-06



ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS é Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Doutor em Filosofia formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

² Registre-se, além disso, que o escrito do prof. Duane Davis foi originalmente redigido em sua língua natal e que o texto original em inglês foi publicado ao lado de sua tradução para o português.